



FEVEREIRO DE 2022 / Ed. 01 / Ano 01.

O ODISSEU

"É NECESSÁRIO
TORNAR A
ARTE
ACESSÍVEL", diz
artista visual
Verena Smit
em entrevista
exclusiva para
O Odisseu.



100 anos depois... E daí?!

Rodrigo Retka, do canal "Arte de Segunda", escreve sobre impacto da Semana de Arte Moderna em 1922 e 2022.

+

"Mil Mulheres em Pagu", Dossiê sobre a vida da revolucionária Patrícia Galvão, por Aline Félix.

CRÍTICA: "As doenças do Brasil", novo livro de Valter Hugo Mãe.

CONTRACAPA

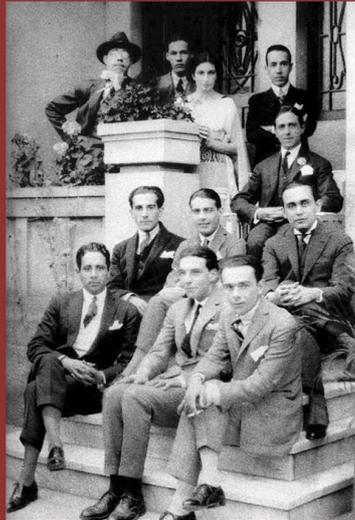
Descobrimento

Abancado à escrivaninha em
São Paulo
Na minha casa da rua Lopes
Chaves
De supetão senti um fríume
por dentro.
Fiquei trêmulo, muito
comovido
Com o livro palerma olhando
pra mim.

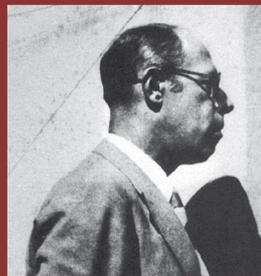
Não vê que me lembrei que lá
no Norte, meu Deus!
muito longe de mim
Na escuridão ativa da noite
que caiu
Um homem pálido magro de
cabelo escorrendo nos olhos,
Depois de fazer uma pele com
a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está
dormindo.

Esse homem é brasileiro que
nem eu.

Mário de Andrade



A GERAÇÃO MODERNISTA
A GERAÇÃO MODERNISTA



SUMÁRIO

"Redenção", de Lais Souza.....	02
Carta ao Leitor, Ewerton Ulysses Cardoso.....	03
"Mil Mulheres em Pagu", de Aline Félix.....	04
Entrevista com Verena Smit.....	07
"Caráter", de Gisele Bohn.....	11
"Antes era amor", de João Ricardo Dias.....	12
"O Brasil que foi, que é e que será", de Pedro Henrique.....	13
"100 anos depois... E daí?!", de Rodrigo Retka.....	15
"Fevereiro na Bahia tem cheiro de Daniela Mercury", de Ewerton Ulysses Cardoso.....	18
"Coluna Piloto", de Wesley Vasconcelos.....	21
"Os Olhos que não se fecharam", de Bete Lopes.....	23
"Invertido", de Pedro Delavia.....	25
"A vida e a morte de Abelardo Cerqueira", de João Gustavo de Oliveira.....	27
"Qual o seu aconchego?", de Eleantra Bonatto.....	29
APOIE-NOS.....	30
Crítica "As Doenças do Brasil", por Clarisse Peixoto.....	31
"Às vezes me pego pensando o que é uma crônica..." de Ricardo Luigi Zivko.....	32
"Flor Original", de Marcus Sander.....	34
Agradecimentos.....	36



Redenção

Agora que lhe conheço
Me renomeio bem aventurado
e a Calliope dou meu verbo
Que não há mal que desfigure
meu estado eterno.

Não!

Ainda que sem moeda para
Caronte eu vague por cem
anos à margem do Estinge.
Ainda que tu se faça Odisseu e
nas minhas mãos infindável
sudário lhe espere.

Não!

Nem que o Aarão jogasse suas
cinzas sob minha pele.
Ou que Mefistófeles me
tentasse com teus prazeres
fantásticos.

Se me verdes ereta saiba que
em fato estou sempre
ajoelhada
e nenhum mal ou dor me tirará
deste torpor sublime de saber
que você existe e de me pôr ao
teu agrado.

Laís Souza

CARTA AO LEITOR

Ewerton Ulysses Cardoso
Criador e Editor-Chefe da Revista O
Odisseu.

Olá, querido leitor!
Se você assinou essa revista, certamente possui um interesse, mesmo que mínimo, em literatura. E não é por pouco, afinal de contas, essa arte milenar perdura nos proporcionando a maravilhosa experiência de compartilhar o subjetivo de todos nós. Por isso, sintam-se muito bem vindo nesse espaço que é para todos os leitores. Para os que amam os grandes clássicos de Liev Tolstói, até os fãs de ótimos romances clichês ou livros de ficção policial. Não importa o gênero: os livros nos fazem leitores, e essa revista é para leitores, sem qualquer distinção. Essa é a só a primeira de muitas edições que virão. Chega mais!



E se você tiver algum conto, crônica, poesia, arte visual ou queira expor a sua arte aqui, envia para a gente! E assim, brevemente entraremos em contato com você para conversar sobre uma possível publicação. Anota o e-mail:

revistaoodisseu@gmail.com

#SELIGANESSAARTE

Essa arte é de Augusto Wences, artista baiano. Para conhecer mais, siga @augustowences no Instagram!



ARTE DE
MAICON
AQUINO
@AQUINART

MIL MULHERES EM PAGU

FRAÇÃO DE LIVRO, POR ALINE FÉLIX

Escrevi e reescrevi esse texto diversas vezes, queria começar com algo impactante, sabe? Eu gostaria de ser capaz de traduzir em palavras o tamanho do impacto que Pagu, Patrícia Galvão, causou na vida cultural do nosso país.

Então, o primeiro texto, comecei com uma informação histórica que tirei do site da EMBRAPA. Sim, gente, EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Depois, fui ler um pouco de Ulysses, de James Joyce, para talvez começar com uma citação deste livro incrível (está na minha lista de leituras futuras).

No fim, acabei pesquisando sobre Freud (um grande amor da minha vida) e me deparei com a última entrevista que ele concedeu, bem interessante, mas também descartei.

Todos esses caminhos que percorri são parte da vida de Pagu.

Pesquisando tanto, cheguei à conclusão que contar alguns dos feitos desta mulher, para além do título de "Musa do Modernismo" e seus "olhos moles", como disse Raul Bopp ao começar o poema Coco Pagu (foi ele que deu esse apelido para ela, pois achou que seu sobrenome fosse Goulart), já seria impactante. Então, vamos lá:

Na semana de Arte Moderna de 22, Patrícia tinha 12 anos, ou seja, não participou desse evento, não que a idade fosse um fator limitante para ela, afinal no seu livro Pagu - Autobiografia Precoce (Companhia das Letras), ela começa narrando a sua vida a partir dos 12 anos, falando de sua iniciação sexual (porque Pagu já nasceu mulher).

Neste livro, ela deixa claro que sabia o poder e a maldição que sua sensualidade representava. Ela estava certa.

Até hoje sua história é resumida aos casos amorosos, ao casamento conturbado com o poeta modernista, um dos fundadores do Movimento Antropofágico, Oswald de Andrade (ou você sabia que foi a Patrícia Galvão, escritora, desenhista, poetisa, militante do Partido Comunista, primeira mulher presa política do Brasil, jornalista, que viajando como correspondente de alguns jornais da época, assistiu à coroação de Pu-Yi, o último imperador chinês e assim trouxe a soja para o Brasil?).

Foi aí que fui parar na página da EMBRAPA, pois foi por intermédio do Imperador Chinês que Pagu conseguiu sementes de soja para serem enviadas ao Brasil e, assim, esse cultivo que rende milhões para a nossa economia, inclusive grande parte sendo exportada para a mesma China, foi introduzido na agricultura brasileira.

Aliás, no site da EMBRAPA, onde é contada a história da soja no Brasil, não há nenhuma citação a Pagu (o que surpreende um total de zero pessoas).

Foi na China também que Pagu entrevistou Freud e foi ela quem primeiro traduziu James Joyce.

Patrícia foi Pagu, Zazá, Mara Lobo, Patsy... mas também foi mãe.

Na autobiografia que citei anteriormente, Patrícia deixa claro o tamanho da culpa que sentia por querer continuar sendo outras além de ser mãe. Achei essa fração do livro muito marcante:

"Disse apenas na minha última página: "O meu filho nasceu". E basta. Tudo o mais esbarra com violência na contradição. A mãe. Mas não. É a negação da maternidade. As sensações são intangíveis. Apenas as essencialmente físicas podem ser lembradas com precisão. Surge a imensidade de planos superpostos, como no apogeu de um filme de grande intensidade fotográfica."

Então, quando Rudá, seu primeiro filho, tinha poucos meses, ela o deixou com Oswald e foi para Buenos Aires participar de assembleias literárias e levar uma carta para Luis Carlos Prestes, assim, teve seu primeiro contato com o Partido Comunista.

Foi por conta do Partido que ela foi presa 23 vezes e torturada. O Partido, para ela, representava a "alegria da fé nova. A infinita alegria de combater até o aniquilamento pela causa dos trabalhadores, pelo bem geral da humanidade."

Motivada por essa paixão pelo povo, escreveu o romance Parque Industrial, em 1933, que será relançado pela Companhia das Letras em 28 de janeiro de 2022, o qual é considerado o primeiro romance proletário da nossa literatura (sim, está na minha lista também e terá leitura de uma fração lá na minha página do Instagram).

Contudo, ao viajar para a China e ver a degradação do povo, Pagu se desiludiu com o comunismo. Assim ela escreveu em sua autobiografia: "Eu tenho pudor da realidade da China. É tudo tão miseravelmente absurdo que eu nunca tive coragem ou ânimo de narrar o que encontrei ali. A mentira, a fábula grotesca me horroriza pelo ridículo, e eu mesma penso que tudo o que vi foi mentira.". Quanto a sua experiência com a Rússia, disse que "Era uma garotinha de uns oito ou nove anos em andrajos. Percebi que pedia esmola... Tremia de frio, mas não chorava com seus olhos enormes. Todas as conquistas da revolução paravam naquela mãozinha trêmula estendida para mim, para a comunista que queria antes de tudo, a salvação de todas as crianças da Terra."

Ainda levaria um tempo para largar o Partido e, durante seus períodos na prisão, ainda escreveu: Microcosmo – Pagu e o homem subterrâneo e começou uma carta autobiográfica dirigida a Geraldo Ferraz, que depois veio fazer parte do livro Paixão Pagu.

Fora da prisão publicou crônicas, contos policiais, o romance A Famosa Revista, junto com seu então marido Geraldo Ferraz, pai do seu segundo filho. Produziu também a Antologia da Literatura Estrangeira, participou do Congresso de Poesia em São Paulo, escreveu, traduziu e dirigiu peças de teatro, coordenou o I Festival de Teatro Amador de Santos e Litoral, foi responsável pela campanha para construção de um teatro municipal em Santos.

Encontrou-se com Sartre e Ionesco, um dos maiores dramaturgos do teatro do absurdo Pagu disse: "A satisfação intelectual não me basta... a ação me faz falta!"

Ela agiu e entregou-se inteiramente ao que acreditava, lutou pelo povo e pela cultura.

Se ao começar esse texto minha intenção era causar impacto, ao encerrá-lo espero ter conseguido gerar curiosidade e interesse sobre o seu legado e toda a intensidade dessa mulher de múltiplos talentos, dessa Pagu que foi mil mulheres.

No site pagu.com.br você pode encontrar mais sobre a história, seus poemas e livros.

ALINE FÉLIX

É colunista da Revista O Odisseu e administradora da página "Fração de Livro" no Instagram.





Arte e Fotografia de Verena Smit
@verenasmit

"É necessário tornar a arte acessível"

Diz Verena Smit em entrevista exclusiva à Revista O Odisseu.

Se você usou o Instagram nos últimos 3 anos, certamente já deve ter visto alguma arte de Verena Smit, que faz sucesso nas redes sociais com fotografias e intervenções artísticas visuais que exploram, majoritariamente, as palavras. No entanto, a arte de Verena não se limita ao Instagram, pois ela já expôs seu trabalho em galerias de arte renomadas aqui no Brasil, mas também em Nova York e Buenos Aires. Além disso, ela vem trabalhando com marcas importantes, como a Gucci, e fazendo exposições ao ar livre, enchendo as ruas de poesia por meio de suas intervenções.

A Verena topou falar com a Revista O Odisseu e temos o prazer de compartilhar com os nossos leitores a primeira entrevista do nosso periódico, que é com alguém que admiramos muito. Confira a seguir!

Verena, muito obrigado por separar um tempo para nos responder. Queremos começar a nossa entrevista perguntando: Quem é Verena? Como você se apresentaria para quem não te conhece?

Bom, sou uma artista paulistana de 37 anos. Faço há dez anos um trabalho que chamo de palavras riscadas, que simplesmente eu risco as palavras e as troco por outras letras. Esse trabalho já viraliza há um bom tempo no Instagram e a partir disso comecei a desdobrar a pesquisa do meu trabalho em palavras.



Como surge a Verena artista? Qual (e como) foi o seu primeiro contato com a arte? E como você decide seguir os seus caminhos através dela?

Sempre tive uma relação próxima com a arte, desde pequena. Com 15 anos fui fazer teatro e na sequência comecei a fotografar. Acabei fazendo faculdade de Cinema porque sempre gostei de escrever e fiz uma graduação de fotografia em NY, onde meu trabalho se aproxima mais do que faço hoje, foi naquele momento que comecei a misturar imagem e texto. Tudo sempre foi acontecendo de forma orgânica, fui experimentando, fazendo coisas que gostava, que não gostava...

Quando meu trabalho começou a viralizar e as pessoas começaram a se conectar com o que eu dizia, obviamente me ajudou a entender mais para onde eu poderia ir e me fez de acreditar no que estava fazendo, me motivando a continuar.

Seu feed do Instagram é uma coisa linda de se ver, e nos chamou atenção o fato dele seguir uma paleta em P&B. Qual a sua relação com essas cores? Você acredita que essas cores comunicam coisas que outras cores não?

Ah brigada!!! Quando eu fotografava e mesmo no cinema, eu sempre gostei do preto e branco, era definitivamente uma escolha estética pra mim. Eu tb tinha muita dificuldade em pensar a imagem em cor. O preto e branco me aproximava mais da minha natureza e talvez de uma visão minha mais melancólica mesmo. Não sou uma pessoa solar. Quando comecei a colocar meus trabalhos no Instagram fazia sentido seguir com a mesma linha, no começo foi bem orgânico, mas depois realmente fui me aprofundando e percebendo que esse antagonismo do claro e o escuro e a relação também dos conceitos associados a eles também começaram a fazer sentido no meu trabalho com as palavras. Em como o espaço vazio do branco remete ao silêncio e como ele se contrapõe com o preto da palavra que as vezes soa quase como um grito.

Você já expôs seu trabalho em Buenos Aires e Nova York, onde estudou fotografia, mas hoje o seu trabalho reverbera bastante aqui no Brasil. É diferente fazer arte para o público brasileiro?

Para mim o que muda é simplesmente a língua, porque o conteúdo é o mesmo.

No fundo somos todos iguais, então a mensagem segue a mesma, porém em línguas distintas.

Falando em diferenças, como você se sente ao produzir para o Instagram e também intervenções artísticas nas ruas, ou o trabalho para marcas, como a Gucci? Há diferença? Alguma dessas vertentes te satisfaz mais como artista?



Foto e Arte de Verena Smit

O que muda mais ao produzir um trabalho comercial de um mais artístico ou de rua é o processo que vem com ele. Em trabalhos comerciais normalmente seguimos um briefing, seja o lançamento de um produto, ou algo específico que a marca deseja passar. No artístico existe uma liberdade maior em criar algo, mesmo que eu parta de uma ideia, todas as decisões são minhas. De uns anos pra cá, sempre batalhei para que eu conseguisse colocar meu trabalho na rua, no digital, no comercial e em museus ou galerias. Talvez seja ambicioso, mas acredito que isso tem a ver com o momento que a gente vive, de sentir que é necessário tornar a arte acessível, porque ela é para todos e ela pode sim estar em diversos lugares.

Com dois livros publicados e uma arte que lida diretamente com palavras, você se compreende como uma poetisa ou algo do tipo? As pessoas te reconhecem como uma artista das palavras ou mais como uma artista visual?

Não me considero uma poetisa, nem escritora. Sinto que sou uma artista que usa a palavra como base de pesquisa, multiplicando elas em diferentes linguagens e formatos.

Como você vê a influência da literatura na arte? E da arte na literatura?

Acho que hoje todas as artes se influenciam. Literatura e cinema, cinema e arte, arquitetura e dança... as artes se complementam e são



intrínsecas no processo de qualquer artista, escritor, cineasta.

Você lê (gosta) de poesia? Fale um pouco dos seus gostos literários.

Eu gosto, mas não sou uma grande conhecedora ou pesquisadora. E tenho fases também de ler mais sobre uma coisa, depois mais sobre outra. Sempre gostei muito de biografias de artistas, mas também gosto as vezes de ler algo que aprofunde minha pesquisa ou me dê um contexto sobre algo que estou interessada.

A sua arte claramente é sobre uma mensagem, uma ideia a ser passada. Há a ideia de re-significar as palavras, e também trabalhos mais engajados, como o trabalho "Pain" que reverberou bastante em 2018. Fale um pouco desse trabalho, como ele surge?

Eu amo o PAIN! Legal, porque não falo muito sobre ele. Bom, em setembro/ outubro de 2018 eu estava fazendo uma residência artística em NY, estava explorando a rua e fazendo algumas intervenções na cidade, algo que era inédito pra mim. Eu tinha ido numa casa de material artístico e visto uma fita plástica escrito PAINT, uma fita dessas de demarcação que se coloca para cercar um lugar. Quando eu vi primeiro essa fita, li PAIN ao invés de PAINT, porque



porque minha cabeça já funciona dessa forma... aí mandei fazer uma igual, porém escrito PAIN que significa "dor" ou "sofrimento" em inglês. Nesse mesmo momento, acontecia o 2º turno das eleições pra presidente no Brasil. Eu me sentia de uma certa forma impotente, querendo fazer alguma coisa e inconformada com o rumo das coisas. Quando o Bolsonaro ganhou, tive a ideia de esticar essa faixa na frente da embaixada do Brasil em NY. Vou mentir se eu disser que não tive medo, mas a vontade de fazer algo era muito grande. Peguei duas amigas para ajudar e um amigo para registrar em vídeo e foto a ação, e fomos. Esticamos a fita, fazendo um xis na porta da embaixada. Toda a ação durou menos de 2 minutos porque o prédio era vigiado. Não sei quanto tempo a fita ficou na porta, mas confesso que foi uma das coisas que mais tenho orgulho de

ter feito, não só como artista, mas também como cidadã indignada...e bom... eu não estava errada, porque o sentimento de dor e sofrimento permanece.

Na sua opinião, a arte (e o artista) precisa ser engajada? Precisa dialogar com a realidade do mundo? Ou não é uma regra?

Eu acho que ela não tem que ser engajada, mas ela tem que refletir o sentimento do artista, seja esse qual for. Nosso cenário político/social sempre foi cheio de altos e baixos, os artistas falam, descrevem e se apropriam sobre isso há anos e de diferentes formas. Muitas vezes esse engajamento não é tão escancarado ou panfletário, mas se reverbera nas ações, reflexões, posicionamento...Sinto que temos sim uma arte engajada muito latente, mas veja, o Olafur Eliasson, artista dinamarquês que faz esculturas e instalações de arte em larga escala com ênfase em experiências sensoriais empregando o uso de elementos como vapor, água, fogo, vento ou o sol. Ele não mora em um país em eterno conflito, mas ele mora num mundo em eterno conflito e na pesquisa dele, claramente alguns trabalhos falam sobre o aquecimento global.

Como você analisa a valorização à arte (e aos artistas) pelo poder público nos últimos anos? E pelas pessoas?

#SELIGANESSAARTE

Todas as fotos/artes usadas nessa matéria são de autoria de Verena Smit que gentilmente nos cedeu seu material. Obrigado, Verena! E para ver mais do trabalho, acesse @verenasmith.

extremamente atemporais e próximo do que seria nossa poesia contemporânea.

O que você acha da ideia (imaginária) de ter um novo evento, uma "nova semana de arte" para demarcar um novo estilo (ou novos estilos) em voga no Brasil atual?

Acho que seria interessante um movimento para unir a classe e mostrar a todos como a arte é essencial e evidenciar como a cultura deve ser mais valorizada.

Você se compreende como uma das representantes da arte brasileira no momento atual?

Nossa... acho que seria pretencioso da minha parte dizer que sim.

Sou apenas uma artista tentando fazer o meu melhor, criando artifícios para levar arte as pessoas.

Verena, já são alguns bons anos de carreira e muitas realizações. Pode nos dar um pequeno "spoiler" do que vem aí no futuro? Ou os próximos passos são segredo?

Minha maior vontade é para fazer mais trabalhos na rua. Dito isso: aguardem!

É uma situação muito complicada, mas não de hoje. Sempre penso em como as aulas de "artes" eram colocadas para mim na escola e como isso molda nosso comportamento com relação a arte: como algo inútil e frívolo. O ensino artístico sempre foi considerado um adorno. E isso reflete em todo um pensamento da sociedade com relação a arte e o que ela significa pra nós. Mas isso é algo que se repete há décadas e obviamente é complicado quando mesmo a educação de base está comprometida. Por isso que existe um conjunto de medidas a serem adotadas e a maior delas obviamente vem do poder público no sentido de prover uma educação onde há reflexão e valorização para inserir e fazer a sociedade entender o quão importante é a arte e que ela existe desde a pré-história. Só assim se cria modelos e um sistema que de uma certa forma se sustenta de todos os lados e não só na elite que de uma certa forma tem acesso e formação.

A Semana de Arte Moderna de 1922 faz 100 anos agora em fevereiro. Você considera que, de alguma forma, o seu estilo foi influenciado por algum dos artistas que lá expuseram?

Acho que a história da arte Brasileira sempre influencia os artistas contemporâneos de alguma forma e a semana de arte moderna reverbera obviamente até hoje. É curioso, porque na época que aconteceu ela foi alvo de críticas e em parte, ignorada pela sociedade. Mas era um momento de experimentação, liberdade, nacionalista e que se buscava um caminho para uma identidade própria. Existe uma chamada Segunda Geração do modernismo que foi muito rica na produção poética com o Murilo Mendes e o Guilherme de Almeida, ambos que considero



#SELIGANESS

AARTE

Essa arte é de autoria de Augusto Wences que carinhosamente nos cedeu o seu trabalho. Para conferir mais do trabalho desse artista baiano, siga @augustowences no Instagram.

CARÁ TER

Gisele Bohn



–Esta juventude, vou te falar, está perdida. Não tem mais jeito, não. Só reclamam. Meu Deus do céu, como reclamam! Não conseguem ficar quietos. É um tal de textão no Facebook, tuíte ou sei lá o quê, só reclamando de tudo. Ontem mesmo eu recebi um artigo sobre isso no WhatsApp e postei lá no Facebook, de um escritor famoso, você sabe qual é, não sabe? Como? Esse mesmo. Falou tudo, viu? Que esta geração aí está estragada, que são um bando de folgados, que...ahn? Não é dele esse texto? Ah, é fake, é? Bom, isso não faz diferença; o que importa é que seja lá quem escreveu tinha razão. Os jovens de hoje são uns folgados mesmo, têm sempre uma desculpa pra tudo, não assumem os erros, é um horror. Sabe como os americanos chamam essa geração que está aí? Flocos de neve. Perfeito, porque é bem isso mesmo o que eles são. Frágeis, derretem por qualquer coisinha, não seguram o tranco. Tudo frouxo. E o mimimi, hein? No meu tempo essa palavra aí, esse tal de bullying – é assim que fala? – nem existia. A gente chamava de zoação. E zoava mesmo: zoava de gordo, zoava de magricela, de quem era maricão, de preto, de japonês, de menina feia, de baiano, zoava de... Ah, você não sabia? Baiano era como a gente chamava quem era pobre, quem tinha roupa feia. A gente zoava até de quem usava óculos – me chamavam de “quatro olhos”. Pergunta: eu ligava? Nada. Isso constrói caráter. Uma vez levei uma surra de uns moleques na minha escola que até perdi um dente. Sabe o que aconteceu? Eu aprendi a lição de não peitar quem é mais forte do que eu. Só batia nos mais fracos. Aprendi que cada um tem o seu lugar. Foi uma lição de vida, isso, sim. Hoje essa juventude não aguenta nada. Está todo mundo aí tentando suicídio, deprimido, tomando remédio. Eu? Eu tomo, mas, não, é diferente. Eu não tomava remédio quando tinha vinte anos. Com vinte anos eu não tinha problema pra dormir. Se tivesse, era só encher a cara. Mas hoje não bebo mais, meu médico disse que meu fígado não aguenta. Só por isso que eu tomo remédio, porque não durmo. Mas esses jovens aí, imagine só, com vinte, vinte e cinco anos, tomando remédio pra depressão, onde já se viu? Pergunta se o meu pai tomava remédio pra depressão. O remédio dele era ficar no bar com os amigos. Ele malchegava do serviço e ia direto pro bar, quando voltava pra casa já não tinha mais problema nenhum. Nunca vi meu pai deprimido, e nem minha mãe. Ela não reclamava de nada, não dava um pio; tinha muito o que fazer, com a casa, com os filhos, com as faxinas, e fazia tudo sozinha. Não tinha tempo de ficar deprimida, não. Mulher forte aquela, mulher de fibra. Levava tudo nas costas, não reclamava de nada. Nada. Não era que nem essas de hoje, que ficam só reclamando que o marido não ajuda, que não lava uma louça, que não troca uma fralda. Como se fosse obrigação de homem saber isso. Eu realmente não sei onde este mundo vai parar. Tudo agora é um problema. Até a comida, veja se pode. Como chama aquele negócio de quem não come carne? Isso mesmo. Tenha dó. O homem comeu carne desde que saiu da caverna e agora é feio, é errado. Isso é o círculo da vida, será que nunca

ouviram falar? O ser humano está no topo da cadeia alimentar, ponto final. Como é? E o que isso tem a ver com o meio ambiente? Que besteira. Tudo agora faz mal pro meio ambiente. Está aí outra coisa que me irrita, essa frescura com o meio ambiente, com o mico-leão de não sei onde, com a perereca verde do riacho, com a floresta; é um inferno, tudo isso. E aquela Greta? Menina insuportável. Precisava capinar um roçado. Ontem postei um meme com uma foto dela comendo caviar do lado de umas crianças na África, esqueléticas, morrendo de fome. Essas, sim, têm motivo pra ficar com raiva, não a riquinha que anda de iate pra lá e pra cá. Essa menina é a cara desta geração de hoje: mimada, ganha tudo de mão beijada, não sabe o que é sacrifício, e ainda fica reclamando. Só quer aparecer, só quer ficar famosa. Fala de aquecimento global, mas aposto que não arruma a própria cama. Uma vergonha, uma pirralha sem educação. Não gosta do mundo, não, minha filha? Então se mata. Engraçada essa juventude que fica aí reclamando do mundo. Ah, não está gostando do que nós construímos com o nosso suor? Está achando ruim? Então vai lá e faz outro melhor. Sabe o que falta pra essa menina? Deus. Se eles tivessem... o quê? Ah, ok, eu saio do sol. Eu sei, eu sei, também não quero que dê problema de novo nesta merda de tornozela.

Antes era amor

como primaveras florecias
no primor das manhãs

hoje, nossas mãos escrevem
silenciosas palavras frias

o imenso sol anoitecia

antes foi amor

hoje, aquelas estrelas que sorrias
com açúcar e fogo

apenas tocam a eternidade
- vazias -

antes meu amor

uma chama em nós havia
ainda que breve e de euforia

mas, hoje, apenas resquícios

do que um dia
fora calor e suavidade

saudade

Poema de João Ricardo Diass



FOTO DE JULIA KARNAUSHA
RETIRADA DO BANCO DE FOTOS UNSPLASH



“O
Brasil
que
foi, é
e será”

PEDRO HENRIQUE,
“O Canto das
Sereias”.

CRÍTICA MUSICAL

1972. Em um ano da década auge da popularidade da ditadura militar brasileira, marcada pelo “milagre econômico” e pela censura e tortura, foi lançado um dos discos mais emblemáticos da carreira de um dos nomes mais importantes da história da música brasileira, considerado por muitos o ápice do conceito tropicalista, surgido na metade da década anterior mesclando cultura brasileira com influências estrangeiras, cujo movimento se encerrou com as detenções e exílio de seus representantes Gilberto Gil e, claro, Caetano Veloso.

O sexto álbum de estúdio de Caetano, gravado em Londres e lançado no ano seguinte, mescla sons brasileiros com o rock britânico e o violão do cantor que reverberam a tristeza e a melancolia do exílio do artista em Londres, a saudade de sua amada terra natal e o posicionamento crítico implícito à situação política nacional da época. A embalagem criada por Álvaro Guimarães e Aldo Luiz, em que o encarte aberto com a capa formava um prisma triangular, foi chamada de “discobjeto”. A ficha técnica gerou brigas e confundiu pesquisadores musicais. O trabalho, considerado pelo artista um disco de banda, deu-se pela interação entre os músicos, o que justifica o descontentamento de Caetano diante da omissão da ficha técnica. O nome do disco, atualmente associado ao ato sexual, reflete outro sentido da palavra: “transição”. Em reportagem da época, sugere-se que o termo transa, na época, tinha um sentido de “mobilidade das ideias vagas”, podendo significar desde “transações comerciais aos negócios mais abstratos, envolvendo ou não duas e mais pessoas. E é nesse vasto campo de possibilidades que se desenham os limites do novo LP de Caetano Veloso”.

“You don’tknow me”, de eu-lírico misterioso numa terra desconhecida, abre o disco mesclando inglês e português, energia baiana com melancolia inglesa, citações de Edu Lobo, Carlos Lyra, Vinícius de Moraes, Luiz Gonzaga e da lavra anterior do próprio Caetano, escancarando o conceito tropicalista e apresentando de maneira magistral o conceito do disco. A faixa seguinte, “Nine Out OfTen”, transitando entre a esperança e o pessimismo, é considerada o ponto inicial nacional no Reggae e a melhor música em inglês do artista pelo próprio artista.

50 ANOS
DE
“TRANSA
”





FOTO EWERTN ULYSSES CARDOSO / ACERVO PESSOAL.

“Triste Bahia”, canção que reverbera saudosismo e faz crítica implícita à situação política da época com versos do poeta barroco Gregório de Matos, também incorpora cantos tradicionais do Recôncavo Baiano, seguindo como um dos pontos altos não só do disco, como também da carreira do artista. “It’s a longway” incorpora versos de Baden Powell, Vinícius de Moraes, Dorival Caymmi e outros mesclando inglês e português, citando uma “velha canção dos Beatles” e transbordando um sentimento de uma longa e difícil jornada pela frente devido ao contexto político, com saudades da terra que teve que deixar para trás.

A desconstrução de um samba com a adição de rock britânico mantém o conceito tropicalista em “Mora na Filosofia” ao ponto de ter escandalizado o público na época, seguido pela inserção em forma de versos do canto do pássaro sabiá-da-mata, comum na Bahia, na experimental “Neolithic Man”, presságio do que viria no disco a seguir, o “Araçá azul”, de 1973. O disco é finalizado com “Nostalgia”, no que seria o marco inicial de AngelaRoRo como artista com a inclusão do seu toque de gaita na canção.

Completando 50 anos de lançamento, o disco segue com uma legião de fãs e pronto para ser descoberto pelas novas gerações. Em um momento em que os baianos sucumbem às forças das águas e o descaso das autoridades, em que os negros são paulatinamente expostos às situações humilhantes e raramente respaldados pela Justiça, em que uma pandemia nos coloca em exílio, em nossas próprias casas, e nos lega solidão, melancolia, saudades e mortes, em que nossos representantes e grande parte de nosso próprio povo nega as mais cristalinas evidências e os esforços dos cientistas no combate à pandemia, em que as minorias são escarnecidas, abandonadas e assassinadas, nossa fauna e flora são transformadas em vil moeda e cinzas, nosso sincretismo cultural e histórico é rechaçado em prol de um modelo eurocêntrico, em que a censura e tentativas de golpes são uma força dominante, o disco parece reverberar de maneira atual um Brasil que foi, é e promete ser em um futuro insólito. Sem nunca perder a força da antropofagia tropicalista, sincretizando idiomas, sentimentos e versos, “Transa” representa um artista genial em seu auge, reverberando através de sua visão única o Brasil de sua época que, mesmo com novos sons, cores e tantos anos passados, ainda existe nos dias de hoje, tão marcado por um futuro incerto com um longo caminho a ser percorrido, tão merecedor dos versos maledicentes de Gregório de Matos, tão amado e tão odiado, senhor de nossas tristezas e dores, senhor de nossos corações e sonhos de Justiça tão distantes.



PEDRO HENRIQUE

É colunista na Revista O Odisseu, onde escreve sobre música.

100 anos depois... E daí?!

Rodrigo Retka, criador do canal "Arte de Segunda", escreve sobre o centenário da **Semana de Arte Moderna** a convite da Revista O Odisseu.



REPRODUÇÃO DA ARTE DE ANITA MALFATTI, RETRATO DE MÁRIO DE ANDRADE

Em janeiro de 1922, pouco mais de duas semanas para o início da Semana de Arte Moderna de São Paulo a cidade estremeceu, literalmente. Esse abalo soa como um prenúncio de um fevereiro que veio a marcar história. Marcos Augusto Gonçalves, em seu livro "A Semana que não terminou" usa o sismo para contextualizar o que houve naqueles 13, 15 e 17 de fevereiro no Theatro Municipal de São Paulo. Cisma que repercutiu e ainda repercute. A Semana de Arte Moderna ainda é tema de artigos, revistas, obras, traz insumo para movimentos que tentam entender o que é brasilidade. É fácil encontrar textos que colocam o acontecimento como um marco dentro da cultura nacional, mas agora, cem anos depois, o difícil é olhar para os novos relevos que ela constituiu como uma marca superada.

Idealizada e organizada por Di Cavalcanti, a Semana propôs uma ruptura radical, agressiva e, por que não, escandalosa com a estética estabelecida. Em seus três dias a vaia era almejada, trunfo de que aquilo que estava sendo apresentado era incomodamente novo. O Theatro Municipal não foi escolhido por acaso para ser o palco das apresentações modernistas. Ocupar o espaço símbolo da arte vista como tradicional é uma provocação clara, um aviso. Marca perene de resistência e oposição que se faz presente ainda hoje, quando vemos o rapper Emicida, no filme Amarelo - É Tudo Pra Ontem,

se propondo a adentrar nesse ambiente com toda sua ancestralidade e ritmo, reivindicando aquilo que é seu por direito: Voz. Nesse sentido, a Semana extrapolou limites entre o que era visto como o culto e o popular, o artístico e o artesanal, tal como a própria obra de seu idealizador, moderna e vanguardista na abordagem de uma sociedade carregada de diversidade e marginalidade em um leque multicolorido de etnias. Di Cavalcanti, descendente de uma família extremamente tradicional nascido na casa do abolicionista José Carlos do Patrocínio, representa muito da ambiguidade existente dentro modernismo brasileiro, uma aglutinação entre o popular e o culto, uma representação do que é o Brasil. Mas não seria toda representação uma deformação, como os próprios modernistas também apontavam? O pintor levou o retrato; o rapper, outrora, levou o seu corpo. Anúncio, profecia ou apenas sinais dos tempos?

Apesar das questões, inegavelmente o debate foi aberto. Di elevou ao extremo a novidade que foi declamada por Anita Malfatti em 1917, com sua Exposição de Pintura Moderna. Mostra não apenas eternizada pelo seu pioneirismo, mas também pela reação que causou em um escritor brasileiro, que não poupou adjetivos maldosos e misóginos para atacar a jovem artista. O tal escritor declarou que a obra de Anita seria passageira, efêmera como as obras de Picasso e demais modernistas... A novidade



NA FOTO: PAGU, ANITA MALFATTI, TARSILA DO AMARAL, ANDRADE E OUTROS MODERNISTAS EM 1922.

incomoda e não apenas ataca o conservador ou o tradicionalista, o olhar progressista também pode cair na armadilha do choque. Somos treinados a defender nossas crenças, nossa individualidade e opiniões. Mário de Andrade já explicava isso no Prefácio Interessantíssimo de Paulicéia Desvairada:

“Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc.”¹

Em um Brasil contemporâneo, vivenciando crises, discursos inflamados, extremismos, pandemia, o quão frágeis estão os nossos sentidos? Quantos véus estão cobrindo o nosso olhar?

Mário de Andrade foi um dos grandes entusiastas da obra de Anita Malfatti. Na década de 1920 se tornaram próximos, íntimos, até formaram o famoso Grupo dos Cinco, com Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia. Em 1921, Mário chegou a publicar um artigo defendendo a arte de Anita Malfatti no Jornal de Debates.

No fogo cruzado entre artigos de defesa e ataques resta a dúvida sobre quantas outras mulheres artistas não foram apagadas da história da arte afogadas por críticas e desdém.

A obra de Malfatti apresentava ao mundo o resultado de seus estudos e pesquisas sobre as tendências modernistas europeias a partir do ponto de vista de uma mulher brasileira. Para Mário, a arte dela era um convite para entender e desvendar o quê ali era posto. A arte não-naturalista, a que foge da regra rígida do que é material, do belo natural, a arte que transita, muda, se transforma rapidamente, a que se permite mudar.

“Infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo, quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa”².

As palavras de Mário de Andrade percorreram todo o modernismo brasileiro, ainda ecoam e muitas se fazem até contemporâneas. Paralelismos são possíveis, pois suas observações não são pontuais ou marcadas no tempo, são amplas e provocativas. Não é à toa que no auge do Tropicalismo foi lançada a versão cinematográfica de Macunaíma, estrelada pelo Grande Otelo e dirigida por Joaquim Pedro de Andrade. A diversidade e a polivalência transbordam de Mário, que foi poeta, músico, crítico, fotógrafo, professor e quando destacamos a palavra “diversidade” neste ponto é importante frisar a homossexualidade (ou possível pansexualidade) do poeta. Mário, em carta para Manuel Bandeira falou sobre sua sexualidade, mais do que isso, falou sobre como era complexo viver sobre o julgamento dos outros e o quanto não queria atrapalhar o amigo com isso. A solidão como companheira e mesmo mais de cinquenta anos depois o assunto se fez tabu em sua biografia, mostrando que o nosso ímpeto moralista não melhorou em nada. A solidão lhe acompanhou no túmulo.

Olhar para a Semana de Arte Moderna de 1922 com os cem anos que nos separam desse evento é se sentir provocado a pensar sobre em que pontos melhoramos e como lidamos com essas questões agora. O apontar estético de Mário entre os modernistas é pungente, a defesa do que é o moderno parte não apenas do movimento, mas também do estudo e de compreensão. Paulicéia Desvairada antecipa em pouco tempo o evento da Semana de 1922 e já traz em si o discurso, a análise e o embate. Forças que seriam colocadas em prática pelo próprio Mário e tantos outros artistas que se integraram ao evento. Um choque de narrativas, que entre tantas vertentes acaba por beber de referências europeias, se perde em alguns pontos nos mesmos vícios burgueses do meio artístico da época, mas se faz em forma de maneira distinta do resto do mundo por seus personagens. Pessoas que carregam em si elementos que não falam apenas de uma mudança estética, mas que englobam questões sociais e de identidade.

Um modernismo que tem seu evento de anúncio organizado por um homem que fala de cultura negra, que teve como principal artista visual uma mulher, que teve como um de seus principais poetas um homem gay. Um modernismo que revelou em muitas camadas como a sociedade brasileira se porta perante a arte, mas principalmente perante as pessoas.



Mário de Andrade, Candido Portinari e Oscar Simon em 1941 – Foto: Hart Preston

REFERÊNCIAS

1. Andrade, Mário de. Paulicéia Desvairada. São Paulo: Casa Mayença, 1922.
2. Idem.

Rodrigo Retka é o criador do canal no YouTube: Arte de Segunda. Formado em Arte Plásticas pela UFPR, aprofundou seus estudos na Escola de Arte Visuais do Parque Lage. Atua também como professor de História da Arte, Coordenador Pedagógico, escritor, Podcaster e faz alguns rabiscos quando sobra um tempo.



#SELIGANE SSAARTE

Arte de Maicon
Aquino. Para
conhecer mais
do seu trabalho
siga @aquinart.



"Fevereiro na Bahia tem cheiro de Daniela Mercury"

Ewerton Ulysses Cardoso - Coluna do Desassossego

Eu faço aniversário em fevereiro, o que sempre me aparentou ser um privilégio, principalmente quando era criança e a data caía durante o período das férias escolares. Hoje, acho significativo que o meu aniversário seja em fevereiro e eu baiano. Afinal de contas, o fevereiro na Bahia é único, muito em razão do carnaval.

Porém, antes que você leia essas palavras e me imagine como um festeiro que adora o carnaval de rua, devo lhe assegurar que sou o contrário. De fato, aproveito a folga para ficar recluso entre os meus livros e evitar o caos que fica Salvador durante o fuzuê da maior festa de rua do planeta.

Entretanto, nunca me dei o luxo de criticar abertamente o carnaval. Bem... Ao menos com o pleno domínio de minhas faculdades intelectuais. Aliás, por muito tempo tive medo do carnaval. Os batuques dos tambores, a multidão, as constantes invocações aos deuses africanos que desconheço e nos quais não creio. Grande parte disso se deve ao fato de eu ter nascido no seio de uma família evangélica pentecostal, que me apresentou as religiões de matriz afro como patentes do demo. Essa visão se estendeu ao carnaval, festa tipicamente negra.

Assim, muito da infância foi assolada pelo medo. Medo de fato, terror, de ranger os dentes e de me paralisar, de me adoecer... Tive medo, inclusive, de minha própria família. Digo... A minha família por parte de pai, que não era protestante, mas católica com fortes sincretismos com as religiões afro, algo que acontece em toda a Bahia e Brasil (acredito). Não conseguia conceber mentalmente como seria amar alguém que era declaradamente um inimigo ao Deus como de fato cria. Se eles eram inimigos de Deus, certamente também eram meus inimigos.



FLORESTA DE MAYOMBE, QUE INSPIROU O NOME "MAIMBÊ" DA MÚSICA "MAIMBÊ DANDÁ" ESCRITA POR MATEUS ALELUIA E CARLINHOS BROWN. FOTO DISPONÍVEL EM: <https://chocolate.co.ao/destinos/2020/09/21387/floresta-do-mayombe-a-bela-maravilha-natural-de-angola/>

Confesso, entretanto, que esses momentos eram raros. Ficava muito nervoso, em geral, com qualquer ambiente que não fosse a igreja, ou com pessoas devidamente cristãs protestantes. E assim cresci, ouvindo continuamente o quanto eu deveria ser separado do mundo, longe da frivolidade demoníaca do carnaval, das músicas baianas, dos tambores, da minha própria ancestralidade e do meu próprio povo.

Tarefa difícil quando se mora na Bahia e absolutamente tudo cheira a carnaval e musicalidade negra. A música está em todos os lugares. E, quando criança, não consegui escapar ao hit da época, música do carnaval, sucesso que tocava em absolutamente todos os cantos: "MaimbêDandá" de Daniela Mercury. As igrejas evangélicas criticavam duramente a música e a vida de Daniela, mulher promíscua e diabólica, da qual deveríamos DEFINITIVAMENTE nos afastar. Fui proibido de ouvi-la em minha infância, fato que não me incomodava muito, já que eu não consumia a sua música.

Ainda assim, "MaimbêDandá" me perseguia, como perseguiu todos os baianos entre os anos de 2003 a 2005. E certa vez, acidentalmente, vi passar no jornal a apresentação ao vivo de Daniela Mercury no Festival de Verão da Bahia. Fiquei extasiado, surpreso, posso dizer que foi um choque! Fiquei abismado ao ver uma multidão de mais de 100 mil pessoas se abaixarem ao comando daquela mulher de voz potente. Ao refrão da música, eles pulavam e celebravam. Era furioso, corpulento, era literalmente uma bagunça que me assustava e me atraía ao mesmo tempo.

Inicialmente, e posso dizer que até hoje, o que me interessa em Daniela Mercury é a potencialidade de sua veia artística. Poucas pessoas no mundo conseguem cantar, dançar, comandar um trio e ter uma voz tão suculenta quanto a de Daniela. Desinteressava-me as suas crenças e vida particular, e me sobressaía o capricho artístico com que ela, numa festa popular de rua, se dedicava a entregar figurinos, cenários

e temas complexos de se entender. E eu me perguntava quem era Maimbê que Daniela tanto invocava, julgando ser um demônio asqueroso. Hoje sei que significa uma floresta que fica em Angola, mas quem poderia me dizer o contrário quando eu tinha 6 anos? Enfim.

Cresci e esqueci completamente Daniela Mercury. Soube, eventualmente, que uma prima minha, sobrinha de meu pai, era back vocal de Daniela Mercury e senti orgulho desse fato, pois comecei a admirá-la pela sua habilidade artística. Meu reencontro com Daniela foi em algum dos noticiários (novamente), ao vê-la sobre um trio usando em sua cabeça um chapéu de chifre de touros, com enormes e pontiagudos chifres macabros. Daniela se apresentava como "A Rainha Má" e ao seu lado os bailarinos tinham placas das quais estavam escritas "Aborto", "Casamento Gay", "Feminismo", pautas que a igreja condenava veementemente. E ali eu tive um vislumbre do porquê de fato eu deveria me afastar dessa mulher, que tal como Calíope, insistia em me perseguir.

Agora eu já devia ter uns 14 ou 15 anos, ainda terrivelmente evangélico. O tempo passou e eu me desconstruí (Graças ao meu bom Deus). Em 2018 já era universitário do curso de comunicação, sabido dos sistemas sociais, das estruturas políticas e com consciência econômica formada. Temeroso do iminente governo de Jair Bolsonaro, vou ao Corredor da Vitória com amigos do curso da faculdade para o protesto "Ele Não!" contra a candidatura do atual despresidente. Qual foi a minha surpresa quando, ao olhar o trio que puxava o protesto, a vi, em pessoa: Daniela Mercury.

Pareceu-me, de fato, uma figura sobrenatural com seus cabelos ondulados e uma voz que me arrepiou completamente. O protesto virou carnaval! E todos nós pulamos e gritamos "Ele Não!". Chorei diversas vezes naquele dia, só de pensar no horror que seria esse governo e que de fato ainda está sendo.

Ao chegar em casa, pesquisei tudo sobre Daniela Mercury. Descobri que ela vendeu milhões de discos, que é reconhecida internacionalmente, que é uma mulher extremamente inteligente, letrada, de família tradicional da cena cultural de Salvador. E parei então para reunir "A Rainha Má" ou "A Rainha do Axé". Que surpresa, que letra! Daniela inicia a música referenciando minha maior referência — Rita Lee — cantando "Bat Macumba" dos legendários "Os Mutantes".

Em seguida, vai enunciando diversas mulheres maravilhosas, com maestria e com um capricho que é literário. Cita Gal Costa, Preta Gil, fala de Baianas de Acarajé andando por Paris e Nova York, de supermodels negras, de Maria Bethânia e, acima de tudo, sobre a libertação das mulheres.

Particularmente, a parte que mais me interessa é a que ela cita Rachel de Queiroz, justamente por ser uma referência literária, que é a minha

a minha praia.

"Rachel de Queiroz Primeira de nós Na Academia de Letras E cada mulher que se impõe Nos liberta"



FOTO: RACHEL DE QUEIROZ EM SUA POSSE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - JOSÉ VIDAL (AGÊNCIA O GLOBO).

Finalizo esse escrito dizendo que, embora não compartilhe das mesmas crenças de Daniela, acho corajoso e ousado a maneira como ela expressa sua fé abertamente num país que persegue sistematicamente pessoas de religião afro. E ela fez isso muito antes de candoblê se tornar moda (como infelizmente vejo acontecer, por vezes). A admiro muito por sua inteligência, perspicácia, por seus posicionamentos políticos e por fazer de sua vida um ato político.

Acho lindo o seu amor à esposa e a vejo muito como mamãezinha de sua família tão bonita. A abraço! E a saúdo como verdadeira Rainha do Axemusic. Provavelmente nunca irei a um dos blocos da Daniela Mercury, pois ainda sou um tanto claustrofóbico, mas eu gostaria muito de ter a oportunidade de me sentar ao seu lado e conversar por algumas horas. Ouvir sobre sua história de amor com Mallu, ouvir sobre sua carreira e conversar da vida. Sinto que seríamos ótimos amigos.



Ewerton Ulysses Cardoso

É criador da Revista O Odisseu e Editor-Chefe

FOTO DE FALCO NEGENMAN RETIRADA DO BANCO DE FOTOS UNSPLASH



**SAVE THE DATE! A
TERCEIRA TEMPORADA
DO PODCAST O ODISSEU
JÁ ESTÁ CHEGANDO AO
SPOTIFY NO DIA 18/02!
ENQUANTO ISSO, OUÇA
OS DEMAIS EPISÓDIOS.**

COLUNA PILOTO

Wesley Vasconcelos "Uma Tarrafa Literária"

Então minha gente, olá.

Resolvi usar esta primeira coluna para me apresentar. Até porque, acho que consigo contar momentos importantes da minha vida a partir de determinados livros, já que estavam sempre me acompanhando. Mas não, não vai ser uma biografia.

Me chamo Wesley Vasconcelos, sou cearense, nasci em Juazeiro do Norte, mas sou filho de Tarrafas, na região do Cariri. Sou jornalista pela Universidade Federal do Cariri, e me aventurei pela escrita em alguns momentos, com artigos, reportagens, perfis, entrevistas, resenhas e ensaios sobre temas diversos. Mas nada me traz mais brilho aos olhos do que falar sobre minha querida Tarrafas. Atualmente escrevo um livro sobre sua história.

Mas vamos à literatura, né?

Gosto demais de ler e me aventuro por todos os gêneros. Acho que os primeiros livros que li e que me fizeram tomar gosto pela leitura foram os da saga Harry Potter, em uma ordem totalmente aleatória, porque ainda não havia entendido que os números de cada livro não estavam lá à toa. Sete anos, muito cedo para usar o meme da Fernanda Torres, então pensem numa versão infantil para o "totalmente drogada".

Se me perguntassem quais são os três livros da minha vida, acho que responderia:

- O Pequeno Príncipe

- As Vantagens de Ser Invisível

- E aqui eu iria enrolar e citar um monte de livros que foram marcantes em diversos momentos diferentes.

O Conde de Monte Cristo foi o maior que li, uma grande fofoca de 1600 páginas sobre a elite francesa. Os Sete Maridos de Evelyn Hugo foi o que li mais vezes em menos tempo, cheguei a reler ele logo após tê-lo terminado.

A Rainha do Ignoto é uma obra prima pioneira, escrita por uma mulher esquecida no churrasco da história (posso falar dela em colunas futuras, fiquem atentos ;)).

Também tem "As sagas do tio Rick", porque sou apaixonado por mitologias, em especial a greco-romana. E a lista não termina, porque cada novo livro recém terminado fica no pódio dos meus preferidos.

Depois de ouvir que ler mais de um livro ao mesmo tempo é bom para a memória, resolvi tentar. Sou extremamente indeciso para decidir qual leitura será a próxima, então acabava escolhendo as duas que mais queria ou fazendo sorteios. Mas não deu outra, acabei pegando mais um e mais outro e hoje estou lendo nove livros. É sobre isso, né?

Lembro de ajudar meus pais no bar/restaurante/lanchonete deles enquanto encarava o calhamaço dAs Crônicas de Nárnia (volume único); também de me revezar entre assistir os aulões do ENEM e derrubar os calhamaços dAs Crônicas de Gelo e Fogo; me identificar demais com Love, Simon.

Lembro também que o primeiro livro que li quando retornei ao Ceará, depois de dez anos morando no RJ chamava-se Confidências, Confusões e... Garotas! e eu tinha amado. Dez anos depois, em meio à pandemia, resolvi comprá-lo para uma releitura, e... a vergonha alheia foi demais, e foi aí que me toquei de que tinha crescido, e o livro tinha sido tão incrível para o meu eu adolescente, justamente, porque era para esse público que o livro falava.

Outra lembrança legal foi o primeiro livro que abriu minhas comportas lacrimais. Não estava preparado para o que Quem é Você Alasca? fez comigo. Nunca fui fã de John Green, mas foi o primeiro livro que me fez chorar, e nem foi o mais triste que já havia lido até então. E foi isso, depois desse, chorei mais facilmente com outras obras literárias.

Outro costume que tenho, além de ler muitos livros ao mesmo tempo, é o de reler alguns títulos. Todos os anos, costumo reler O Pequeno Príncipe (em português ou inglês pois, recentemente, fui diagnosticado como bilingue), As Vantagens de Ser Invisível, também gosto demais da saga Heróis do Olimpo, e outros clássicos como os contos de Oscar Wilde (principalmente O Rouxinol e a Rosa, O Gigante Egoísta e O Príncipe Feliz. Mas O Fantasma de Canterville merece uma menção honrosa porque é maravilhoso) e alguns da Virgínia Woolf, como Orlando. Também adoro viajar ao centro da terra com o Júlio Verne.

A literatura me inspira. De tanto ler histórias, resolvi adentrar numa área com a missão de

ouvir, contar e resgatar histórias, que é o Jornalismo.

Atualmente, organizei minhas metas literárias em desafios. Dessa forma, consigo garantir que vou passear por uma maior variedade de estilos literários. Inclusive, caso estejam interessados, os livros que estou lendo atualmente são:

listinha dos livros que estou lendo :)

- *Ciranda de Pedra, da Lygia Fagundes Telles (ganhei num amigo secreto literário);*
- *Os Sofrimentos do Jovem Werther, romance alemão de Johann Wolfgang von Goethe;*
- *O Homem do Castelo Alto, distopia de Philip K. Dick;*
- *As Intermittências da Morte, do reizinho José Saramago;*
- *Alice no País das Maravilhas, clássico do Lewis Carroll;*
- *O Quarto Poder, potente livro do jornalista Paulo Henrique Amorim;*
- *It - A coisa, do rei do terror Stephen King;*
- *Sete Anos, que são crônicas da rainha Fernanda Torres;*
- *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios, de Marçal Aquino.*

Para este ano, ainda pretendo ler mais um calhamaço GG: Os Miseráveis, do Victor Hugo, mas só quando conseguir adiantar a leitura de It, que, inclusive, é maravilhoso!

Acho que consegui fazer uma apresentação e, ao mesmo tempo, uma série de indicações, né?

Enfim, outra coisa que esqueci de falar, mas ainda está em tempo: abandono de leituras. Minha gente, eu acho uma das coisas mais difíceis. Quando a leitura não está rendendo, quando a trama está arrastada, quando o livro está servindo como um ótimo sonífero ou até mesmo quando você não se sente ok com esse determinado livro no momento. Sempre fui de ler até o final, custe o que custar (energia de virginiano com ascendente em leão de "esta coisa tem que ser feita e vai até o fim!").

Porém, recentemente, algumas coisas foram mudando. E achei ótimo. Estou trabalhando essa questão do abandono. Não significa jogar o livro fora. É mais sobre dar uma pausa nessa leitura, e retomá-la outro dia, quando você se sentir pronto para dar continuidade a ela. A leitura deve ser algo prazeroso, então não faz sentido se prender a um livro que, no momento, está ruim. Sofri por meses com Os Sertões, me arrastaaaaaaando em uma leitura que não estava me agradando e que eu já não absorvia mais nada. De que adianta?

Bem, acho que já falei demais sobre mim. Este, inclusive, foi o meu primeiro texto da minha primeira coluna ever. Espero que vocês, leitores, tenham gostado.

Deixo aqui alguns questionamentos para se fazerem.

Como é a relação de vocês com a leitura? Quais os costumes que têm? Já abandonaram algum livro?

Já leram algum dos livros que mencionei?

Inclusive, podem me responder, se quiserem. Deixei meu email no final do texto.

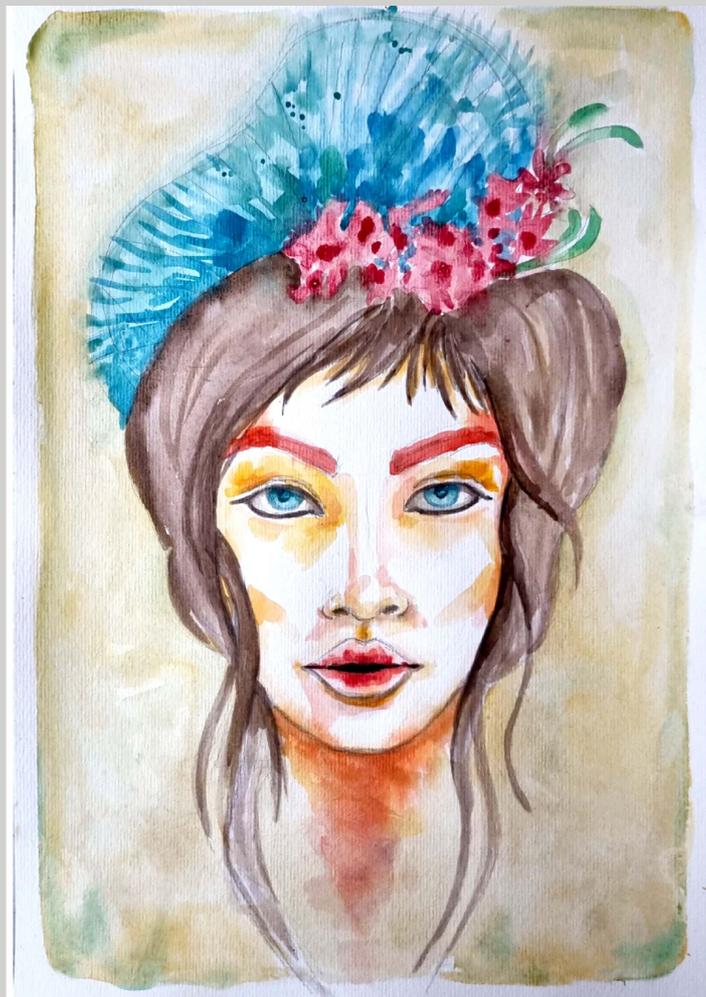
E é isso, um abraço, e até logo!

Contato: wesleyguilherme1998@gmail.com



Wesley Vasconcelos

É jornalista, colunista da Revista O Odisseu e costuma (estranhamente) ler muitos livros ao mesmo tempo.



#SELIGANESS AARTE

Essa arte é da Cristiane Alvarenga, que gentilmente nos cedeu seu trabalho. Obrigado, Cris! Para conferir mais da arte da Cristiane, siga @abstratas_cristianealvarenga no Instagram!

“Os Olhos Que Não Se Fecharam”

Bete Lopes

Estava quase anoitecendo, as nuvens já se reuniam bem próximas como se presentissem a noite, ninguém precisava avisar nada, elas apenas sabiam.

Como sempre havia aquela mais teimosa que não ouvia nada além do vento ao seu redor, estava perdida em seus pensamentos quando o céu estava já fechando suas majestosas portas, correu mais do que nunca, no entanto, foi inútil, o céu fechou diante de seus brilhantes e sonhadores olhinhos.

Tudo estava perdido, pensou ela.

- Agora o que vou fazer? Nunca fiquei sozinha em todos esses anos, não sei, nem posso imaginar os perigos que me aguardam aqui fora à noite, sempre saí durante o dia e acompanhada.

A gravidade, indiferente à tristeza da nuvenzinha, a puxava sem piedade para baixo, cada vez mais rápido, para um lugar desconhecido.

Enquanto isso, uma jovem moça estava caminhando e observando o céu estrelado, absorta em seus pensamentos, como se não existisse mais nada nem ninguém no mundo.

Refletia sobre a vida: até que ponto valia passar por tanto sofrimento? Para que servia conhecer pessoas, amá-las, se sempre partiam, de um jeito ou de outro, ou morriam, iam embora, desistiam, esqueciam, ficavam indiferentes, algumas chegavam ao ponto de estarem ali de corpo presente, mas com a alma vagando em um abismo qualquer sem dar importância alguma ao ser humano que estava ali disposto a tudo para agradá-las.

Final de que servia amar, sempre acabava, geralmente de forma acomodada, preguiçosa, covarde, estúpida, pequenos erros escondendo imensas mágoas, carregados ao longo dos anos, amargurando o coração que já exausto com tantas batalhas, desiste cada vez mais cedo, desconfia cada vez mais, apanha tanto que já não liga quando acaba, chega a, inclusive, sentir-se aliviado com o fim, apenas desejando que, de fato, termine e não volte a acontecer; infelizmente sentir faz parte de ser humano e para amordaçar completamente a empatia é necessário calar o coração para que não bata mais na mesma tecla.

A empatia, às vezes, empata o coração na inútil tentativa de controlar o que jamais poderia, nem mesmo em mil anos, tornar-se perene, confundimos tudo e a trocamos por apatia, sim, o som é

é totalmente diverso.

A nuvenzinha já não sabia mais o que fazer, além de chorar, quando tropeçou nos próprios soluços, seu rosto vermelho e dolorido trouxe-a de volta à realidade ou parte dela, ao menos. Respirou profundamente, quase como se nunca tivesse feito isso com vontade ou de forma consciente, foi então que olhou para baixo e viu uma menina pensativa, ficou curiosa sobre o que tão interessante haveria para pensar àquela hora da noite.

-Estou perdida, longe de casa, posso ficar aqui um pouco? Disse a nuvenzinha timidamente.

A menina estava tão distraída que mal havia notado a simpática nuvenzinha.

-Ah! Oi! Claro!

As duas sentaram-se juntas no banco, ambas em um silêncio cúmplice, cansadas de tudo e todos, perdidas no mundo e em si mesmas, buscavam entender a imensidão de estar ali presente ainda que dispersas por todos os lados.

A nuvenzinha ficou curiosa para saber porquê a menina estava ali sozinha tão pensativa, no entanto, não tinha certeza se seria rude questionar algo assim ou interromper a solidão reflexiva na qual ela se encontrava.

Sem saber ao certo o que fazer, a nuvenzinha começou a cantar uma música que ouvia antes de dormir, ela costumava gostar de ouvir músicas e historinhas antes de adormecer, era um momento de paz e felicidade, até hoje as boas recordações estavam esculpidas em seu coração.

A moça interrompeu sua reflexão meditativa ao ouvir a suave voz da nuvenzinha, mais parecia uma brisa refrescante e não a voz de alguém. Sentiu-se acolhida pela aquela canção e sorriu sem saber, ao certo, a razão. A nuvenzinha, ao notar que conseguira chamar a atenção da introspectiva jovem, ficou bem satisfeita e encorajada o bastante para começar uma conversa.

- Sempre cantamos antes de adormecer umas para as outras além de contar histórias também.

- Que linda, adorei a música e a tua voz é uma graça.

- Muito gentil, gosto muito de cantar.

- Nunca fui muito de cantar, para falar a verdade, acho que sempre fui mais o tipo que ouve ou ouve e dança, sei lá.

- E gosta também de pensar, pelo que vejo. Espero não estar atrapalhando, estou tão sozinha e com medo, mas se preferir posso...

- Imagina! Claro que é bem-vinda para ficar aqui.

- Ah! Que alívio! Ainda bem!

A nuvenzinha então se aproximou, sentou ao lado da moça, ficou muito contente, pelo menos agora não estava mais sozinha, isso fazia toda a diferença, pensava ela satisfeita.

- Me chamo Carol. Tu tens um nome?

- Me chamo Gota de Orvalho

- Uau! Que nome lindo!

- Posso perguntar o que estava pensando de forma tão concentrada.

-Estava... Bem, ainda estou triste, fiquei

pensando se realmente valia a pena continuar tentando.

- Desculpa, não entendi. Tentar o quê?

- Amar.

A nuvenzinha sorriu e cantou novamente, dessa vez uma nova canção, belíssima, falava sobre o amanhecer do sol, em como tudo se renova, recomeça, não importa o que tenha acontecido no dia anterior, sem a esperança surge no horizonte e com seu toque mágico desperta nossas vidas para um novo dia.

Carol nunca tinha ouvido nada igual, estava completamente encantada e emocionada com a música, sem conseguir se conter, começou a chorar, a nuvenzinha ao perceber ficou confusa e parou de cantar.

-Ah! Por favor, não chora, desculpa, eu só queria ajudar e atrapalhei tudo, sou uma desastrada mesmo!

A moça ainda não era capaz de falar, mas para acalmar a pequena nuvem, abraçou ou tentou, pelo menos, já que a nuvem era gasosa, seu sorriso misturado às lágrimas aclamou um pouco Gota de Orvalho.

- É verdade, isso tudo serve para nós duas, essa bela canção. - Serve?

- A esperança traz o novo dia e o novo dia traz a esperança, talvez seja por isso que estamos tão angustiadas, ainda é noite.

- Então é só esperar? Nunca fiquei presa fora dos portões, o diferente me dá medo.

- Não teve medo de mim, quantas meninas tu já conheceu?

- Bom, é verdade, bem poucas e só de longe, nunca falei com nenhuma, até hoje.

- Eu também nunca tinha conversado com nenhuma nuvem, muito menos ouvido alguma cantar, nem sabia que era possível.

-Ah! Bem possível, todas nós cantamos, na verdade é assim que fazemos chover, cantamos para a água subir, ela só vem até nós quando bem contente, ela adora as melodias que inventamos, faço parte do grupo que a recolhe, tem outro que armazena e outro que distribui quando está na hora de chover, também temos as responsáveis pelas composições, aulas musicais e contação de histórias, não dormimos sem história e se não dormimos ficamos sem voz por várias horas, pode perceber que minha voz está cada vez mais baixa, provavelmente até o amanhecer estarei quase muda.

- Nossa! E como vai voltar?

- Só preciso esperar os portões se abrirem ao amanhecer.

- Ah! Entendi. Então pode ficar comigo, vamos para minha casa e quando amanhecer, abro a janela e poderá voltar para suas irmãs.

- Isso seria maravilhoso!

A nuvenzinha mal podia acreditar na bondade que estava presenciando, ficou feliz por ter tido coragem em cantar e conversar com a menina. As duas foram para casa, continuaram a conversar até o sol chegar e bater na janela avisando sua chegada.

Gota de Orvalho voltou às suas irmãs, com o coração quentinho, Carol sentiu o seu afogado, estavam renovadas, mais corajosas, mais ternas e agora sabia que iria começar tudo de novo, renovando o dia, a esperança, as canções, a vida.

Invertido

Pedro Delavia

Escavou a terra úmida e pesada com urgência. Precisava resgatá-la da danação eterna. Heloise era a ruiva mais bela de todo o condado. Foram felizes nos cinco anos que estiveram juntos. Paolo não pensaria que alguém tão jovem poderia partir assim, tão de repente. A falecida esposa tísica não resistira, o que o marido achava injusto, pois nunca tivera sequer uma tosse. As mãos já sangravam, pois há uma hora o cabo da pá se partira. Ajuntava a terra lamacenta contra o peito e a atirava por cima da borda. A camisa que era branca se confundia com o escuro da noite. Nunca havia cavado uma cova antes, nunca enterrara ninguém, mas haviam enterrado sua amada sem que soubesse.

Chegara armado com a pá, ameaçador, exigindo que o coveiro o levasse até o ponto correto. Empurrou o homem para o lado e pôs-se a cavar. A face agora estava marcada com dois sulcos, os caminhos que as lágrimas faziam em sua cara imunda de barro. Chorou desde a primeira estocada com a ferramenta na terra negra.

O coveiro sentiu medo e piedade, assim, apenas se afastou e deixou que o homem fizesse o que quer que pretendesse fazer. Imaginou se fosse sua velha mulher, como se sentiria, sabendo de um enterro sem ao menos ter se despedido do corpo.

Paolo sentiu a madeira com os dedos inchados e feridos. Estava próximo e a constatação fez com que cavasse ainda mais depressa. Achou que era o suficiente e tentou puxar a tampa pobre do seu caixão humilde. Estava pregado. Pegou a lâmina da pá e tentou encaixar a

borda nas laterais com urgência. Fez força, escorregou o instrumento de ferro, se cortou e prosseguiu no seu intento até que, por fim, conseguiu arrancar a tampa e se deparar com o rosto anêmico e duro de Heloise. O choque não foi suficiente para estancá-lo, atirou-se em cima do corpo e gritou o nome de sua amada. Beijou a face gelada e depois seus lábios feridos. O corpo não respondeu.

"Heloise, Heloise! Ó, meu amor, Heloise! Estou aqui, teu Paolo, vamos embora, meu amor, vamos para casa. Não brinque comigo, Heloise, não vê que estou desesperado?"

Seu choro lamurioso avolumou e reverberou dentro da cova. Heloise permanecia imóvel. O pranto de seu amado parecia não lhe comover em nada. De repente, um som surgiu por sob o corpo



#SELIGANESSAARTE

Essa arte é de autoria de Augusto Wences! Para conhecer mais de sua obra, acesse @augustowences no Instagram!

o corpo frio.

"Paolo?" – uma voz doce e fraca chamou.

Paolo levantou seu tronco e apoiou suas mãos nas laterais do esquife. O rosto quase translúcido permanecia imutável. A pouca luz da noite que os alcançava não deixava que os contornos fossem vistos. A cabeleira ruiva, porém, se mexeu suave, como uma cobra preguiçosa. O marido injetou os olhos, arregalou-os para a escuridão. O serpentear do cabelo se afastou do pescoço comprido da falecida.

"Paolo? Meu amor?" – a voz repetiu um pouco mais audível. "Que saudade, meu amor, achei que não viria me buscar."

"Heloise?! Sou eu, teu amado, teu marido, estou aqui. Venha, vamos para casa."

Uma sobra olhou Paolo, os olhos escuros piscaram entre os cachos ruivos e o pescoço lânguido. O aflito marido não lhe identificava as formas, via apenas o que queria ver. Enxergou os olhos da amada se abrindo, como se despertasse sorridente numa manhã de sol. O corpo, o frio e verdadeiro, permanecia inerte, duro e sem vida.

"Ah, Paolo! Como sinto falta de seus lábios... toque-me bem aqui, me beije, meu amado!" – a sombra embicou uma grande língua bifurcada entre as mexas ruivas da morta. Não se podia identificar a cor daquela lingueta comprida, mas era uma forma também escura e terrosa. Paolo desceu seus lábios para encontrar os da esposa, estava ainda mais linda e sorridente. Beijou-a, sentiu seu gosto jovial, como sentira pela primeira vez, há muito tempo. Depois do beijo, Paolo ficou rente ao pequeno nariz delineado. Sorriam um para o outro.

"Ah! Paolo, como te amo!"

"Ah! Heloise, como eu te amo, meu amor!"

O rosto de Paolo descia por entre os cachos ruivos, o rosto marfim de sua esposa morta ao lado, não reclamou.

"Venha, minha amada, vamos para casa."

"Já estamos em casa, meu amor, veja, nossos lençóis." O quarto simples e arrumado exalava o perfume das flores colhidas pela manhã. Paolo se alegrou e abraçou a esposa que o abraçou de volta. "Venha, venha se deitar!" Ela puxou o marido por cima do seu corpo alvo e nu, sorriu maliciosa, como quando sorria querendo ser tomada.

O corpo de Paolo estava afundado no buraco até a cintura, apenas suas pernas balançavam numa bananeira desajeitada. Naquela madrugada choveu, a terra escavada voltou a sua posição original, selando para sempre a mulher silenciosa e seu marido de ponta-cabeça. Dizem que, nalgumas noites de lua, é possível ver brotar do solo, os saltos emborrachados dos calcanhares das botas de Paolo, o invertido.



Pedro Delavia

É músico, colunista da Revista O Odisseu e uma mente dedicada ao ofício da escrita.

FOTO DE VEIT HAMMER (@derveit) RETIRADA DO BANCO DE FOTOS UNSPLASH



A vida e a morte de Abelardo Cerqueira

João Gustavo de Oliveira

Os segundos, tempo insignificante frente à vida, mas que a desafia com a mesma coragem que a vida desafia a morte, assim pensava Orlando, quando deitado, no conforto de sua cama, revirava em sua mente memórias agradáveis para se recordar, momentos antes de pegar no sono - qualquer lembrança, qualquer fiapo de lembrança, e que ainda não tivesse sido sepultada pelo esquecimento. De relance, viu sob sua cabeceira o livro. O livro que tem o poder de guardar a vida, de guardar memórias, de guardar as angústias, os anseios, a esperança; que tem o poder de transformar a quem quer que se permita ser transformado. O livro, quanto tempo faz que o ganhara? O livro, sim, edição recente, um presente de natal que guardava em si sentimentos da autora Jane Austen, e que atravessaram poucos mais de dois séculos. Que ferramenta poderosa o livro, suspirou olhando-o mais atentamente à luz da tevê que fazia barulho, mas que para ele, naquele momento, não fazia diferença. Pensou em escrever um livro, um dia. Mas que difícil! Que complicado, escrever um livro! E se escrevesse, o que escreveria, o que de tão interessante teria para contar?

Voltando-se para si, pensou que o tempo precisava ser acelerado, que todos aqueles breves segundos que se seguiram à notícia da morte de Abelardo Cerqueira tinham que ser esquecidos e superados, como aquele segundo parecia eterno agora... não correspondia às horas de felicidade que sentiu ao lado do amigo. Por que o tempo era tão desproporcional quando se tratava da dor, que não podia ser curada, esquecida, amenizada, questionou-se. A matemática da vida não tinha piedade daqueles que permaneciam, como se

zombasse do que ele estava sentido. Era desumano. Será que se contasse aquela história, sentir-se-ia satisfeito por tudo o que lhe ocorrera nos últimos segundos? Fechou os olhos naquele exato momento, exausto, cansado de chorar e questionar os desígnios da vida; ninguém podia com ela, ela era a força maior, acima de todos, ela decidia quanto tempo era necessário para superar, para esquecer, para voltar a sorrir. Era ela - a vida - tão impassível, mas ao mesmo tempo tão mais frágil, do contrário teria resistido.

Não, não queria viver aquilo, aquela dor, aquele sentimento de revolta, de tristeza, de abandono; foi o que decidiu Abelardo: abandoná-lo. Mas não caberia a ele a decisão de viver? E se coubesse, não seria alto demais aquele valor? Aparentemente, ele não havia pensado no que provocaria a todos que estavam ligados à sua própria vida, como a teia de uma jovem aranha fiandeira, que cuidadosa e meticulosamente cruzava seus fios naquele mesmo segundo que Orlando deixava uma lágrima escapar e molhar o travesseiro. O que lhe escrevera mesmo o amigo, antes de ele receber a mensagem, última, antes de se tornar apenas uma lembrança? "Ou, (assim sempre o chamava, como uma criança ao ver um brinquedo diz "mãe") eu não queria te magoar. Talvez você não entenda minha motivação, mas era preciso. Eu amei você em cada momento que estivemos juntos, você era um guia, era o que me mantinha aqui, e todos os laços já havia sido desfeitos, restava você e eu precisava escolher entre a minha vida e a sua própria. Não pense que fui egoísta, mas chega um momento em que não conseguimos mais suportar, tudo parece sem sentido, tudo parece sem graça. Mas você fez tudo valer a pena, agora preciso que você faça você valer a pena também".

Aquelas palavras, agora em ecos, vinham e iam à mente de Orlando, inconcebíveis, revirando-a, como quando sua mãe ao colocar a roupa para lavar revirava seus bolsos, assim eram as mães, sempre preocupadas, mesmo que a preocupação não houvesse em seus filhos que despreocupadamente tiravam as calças e as colocavam para lavar, sem antes, porém, se certificarem de que algo importante e valioso pudesse estar ali. A mãe de Abelardo não teria mais aquela preocupação, pensou Orlando. Será que ela estava sofrendo tanto quanto ele naquele momento, também revirando em sua mente momentos preciosos a serem catalogados e guardados, será que ela pensava na voz de Abelardo e, desesperada, como quando estamos prestes a cair ou sofrer algum acidente qualquer, se agarrava à melodia de sua voz, que agora só existiria em sua mente e nos últimos áudios que guardou do filho, sempre pedindo alguma coisa, pois assim eram os filhos.

Preciso te contar algo importante, era o que dizia a mensagem. Ela sabia que era algo importante,

POLAROIDS DA JOVEM MADONNA EM 1983. DISPONÍVEL EM: <https://br.pinterest.com/vanmartin/madonna-1983-polaroids/>.



assim como os pedidos que ele fazia, sempre seguido de algum emoticon sorrindo ora de mais ora de menos, mas sempre sorrindo. No seu peito, algo dizia que aquela mensagem já era esperada. Foi assim, sem reação, que ele lhe contara que era soropositivo. Mas que diabos é isso, pegou-se perguntando, mas não era burra, e não questionou. Ninguém perguntava ao carrasco o que era uma guilhotina. Então ela recebeu bem a informação, e só depois desabou em prantos, pensando que aquela sentença de morte havia sido dada de maneira muito despreocupada, como quando os filhos colocam as calças para lavar. E foi tornando-se menos ignorante, que descobriu que não se tratava bem de uma sentença, mas de uma constatação - era possível viver, concluiu. Descobriu que era comum, mais do que imaginava, uma pessoa ser soropositiva, bastasse seguir a medicação, sempre ir ao médico, e tudo ficaria bem. Mas seu filho era frágil, e precisava dela, foi quando arrumou suas coisas, pegou a chave do carro e foi até ao apartamento que ele morava.

Os segundo são mesmo muito cruéis, e a crueldade parece inversamente proporcional à felicidade que sentira Orlando quando pegou seu computador (quantos anos tinha mesmo? Talvez vinte) e disse a Abelardo que era gay. "Eu imaginei que fosse mesmo. E nunca entendi sua cisma com a minha amiga", foi o que disse o amigo, eles riram daquele dia. Era aniversário de Abelardo, ele havia convidado Orlando porque Orlando era como ele, e um amigo era preciso naqueles momentos de felicidade. A Orlando ele contou todos os seus segredos, sua primeira vez, suas aventuras e, também, seus medos, suas angústias e o que pensava sobre a vida. Certamente, não somos os seres mais inteligentes do universo, ponderou. O que há de inteligente em provocar sofrimento, não foi só isso que o homem fez ao longo de sua existência, questionou triunfante, de modo que Orlando apenas concordou, pois o amigo só fazia observações inteligentes. A festa era no sábado.

Quando chegou à casa de Abelardo, conheceu a família do amigo e se sentiu acolhido. Depois daquele momento, os dois saíram pela noite, corajosos, invisíveis. Beberam, cantaram. E Madonna sem dúvida era a mulher mais talentosa que existia, foi a conclusão da conversa. E os gays tinham uma dívida com ela, foi outra conclusão. Mas é claro que Orlando não concordava, porque aquela mulher era só uma senhora querendo sobreviver dos escândalos. Mas esta conclusão não era inteligente como a de Abelardo, pensou. Entrementes, o amigo fez um breve resumo do porquê Madonna era importante, ela deu visibilidade a comunidade, ela desafiou a Igreja, nos mostrou que sexo não é vulgar, e que nós somos importantes. E Madonna, agora pensava Orlando, não era mais uma senhora, era um monumento, um mundo que ele ansiava por desbravar, um oceano o qual ele ainda não mergulhara, e passara a gostar cada dia mais. Madonna era uma mulher incrível, concluiu ele.

Abelardo tinha mesmo esse poder, de fazer Orlando gostar de tudo, gostar da vida, gostar de ser quem ele era. À medida que conhecia o rapaz, sentia-se mais e mais preso a ele, e a troca de vivências era mútua. Orlando não sabia, mas Abelardo invejava muito o seu jeito de ser, como ele era inteligente, como encarava a vida de modo que tudo lhe parecia romanesco. Se escrevesse um livro um dia, como suspeitava que Orlando o faria, seria um livro aclamado, porque o amigo sabia sentir a vida como ele nunca seria capaz de sentir. Faltava-lhe algo, o quê ao certo ele não sabia, mas faltava e doía não saber. A vida, pensava sempre, era algo breve e sem sentido. Nascer. Crescer. Trabalhar. Morrer. Essa ordem era tão fria, não podia viver ser só isso, deveria ser algo mais, mas o quê?

Estavam eles sentados na rampa de skate, naquela madrugada que decidiram sair para beber um pouco e

e conversar sobre seus dias. Orlando sempre tinha as palavras certas a dizer, para todos os momentos relevantes da vida do amigo. Quando este terminou seu primeiro namoro, e sofreu muito com isso, foi Orlando quem fez ele enxergar que a vida era assim mesmo. Uma hora você está fazendo planos, construindo uma vida imaginária, e outra você percebe que não depende mais de você aquele esforço. E percebe que recomeçar é sempre possível. E que é sempre possível amar e sentir tudo aquilo novamente. Mas, Orlando não tinha palavras para aquele momento. Ele sabia o que significava ser soropositivo, e sabia que era possível conviver com o HIV, mas não sabia o que dizer para o amigo. Ele disse, porém. Seus gestos disseram, seu olhar, e o beijo na testa quando se despediu de Abelardo.

Por quanto tempo aquelas palavras não materializadas permaneceram em sua memória, perguntou-se Abelardo. A memória é realmente fascinante, e tem o poder de nos evocar momento como aquele. Momentos de carinho, apesar da dor, apesar da indiferença que sentia em relação à vida, a vida que lhe cobrava e lhe cansava tanto. A vida que não lhe significava e não tinha significado. Será que fazia tanta diferença assim estar ali, questionou-se. Após um breve suspiro, mandou uma mensagem para Orlando, era um pedido de desculpa, mas que o amigo entenderia como uma despedida, como de fato dava significado sua atitude à sua ação. Ele pegou a cartela de comprimidos para dormir, misturou a outros que havia no gabinete do banheiro, e os tomou de uma vez. Tudo isso antes de mandar uma mensagem para sua mãe, dizendo que precisava contar algo importante. Eram três horas da tarde quando sua mãe entrou no apartamento e pegou ele sem vida, deitado na cama. Sereno e frio, como a vida lhe parecia no seu último suspiro, antes de fechar os olhos e cair num sono profundo, do qual nunca mais acordou.

É com pesar que comunicamos a morte do nosso filho amado, Abelardo.

Demorou muito para que Orlando processasse aquelas palavras, mas o tempo andou tão devagar que o espaço entre o que ele havia acabado de ler e o que entendera foi como se o tempo quisesse potencializar o seu sofrimento. Ele adormeceu, pensando em todos os momentos que passara ao lado do amigo. Quando acordasse no dia seguinte - com a sensação irreal da morte, porque a morte não tem significado e não parece real quando alguém que se conhece experimenta desta condição, a de estar morto - Orlando sentiria a finitude da vida, a insignificância do que é estar vivo, e estar vivo ganharia um novo significado para ele. Pois assim seria em outros momentos de sua vida, até que finalmente, tocado pela morte, pensaria uma última vez em Abelardo Cerqueira.

FOTO DE Cdoncel RETIRADA DO BANCO DE FOTOS UNSPLASH





Qual o seu aconchego?

Aconchego, adoro esta palavra.

Ela recorda lareira, cobertor, café quentinho e meias de lã.

Aconchego é colo de mãe,

cafuné do amado, abraço de amiga. Aconchego é bolacha da vovo,

ombro forte do papai e o

olhar firme de confiança do filho.

Aconchego é o momento perfeito em que tudo está no seu lugar e a felicidade se senta

na sala, enrolada num cobertor, em frente a lareira, tomando

chocolate quente e olhando, pela

vidraca, o inverno lá fora.

Aconchego é calor que se espalha no peito e brilha no olhar de

quem amamos. É a

ausência de dor, é a certeza de existir amor.

É lugar "fofo" de sentar-se e é maravilhoso de estar.

Pode ocorrer na luz e no luar.

Aconchego não tem hora e nem lugar, pode estar

na rua ou dentro do seu lar, mas

geralmente vem acompanhado de braços dados com a paz.

Aconchego aquece, revigora, cura. Tem cara de

inverno, pois combina com ele. Verão

não, verão tem cara de carnaval, mas esta é outra história.

Eleandra Bonatto

**APOIE-NOS
APOIE-NOS
APOIE-NOS
APOIE-NOS
APOIE-NOS**

VOCÊ SABIA?

Mesmo sendo uma revista 100% digital, houve muito investimento na produção dessa primeira edição, mas nós escolhemos oferecer todo o nosso conteúdo gratuitamente! No entanto, caso você deseje colaborar financeiramente e fazer parte dessa história, nós ficaremos muito felizes. E para isso, você poderá colaborar com a nossa campanha no Apoia-se, que contém metas simbólicas, mas importantes.



FOTO DE DEXTER FERNANDES RETIRADA DO BANCO DE FOTOS UNSPLASH

NOS DÊ UMA FORCINHA! - META DE R\$ 5

R\$ 5 pode mudar muita coisa! Irá nos encorajar a seguir com o projeto e acreditar nesse sonho.

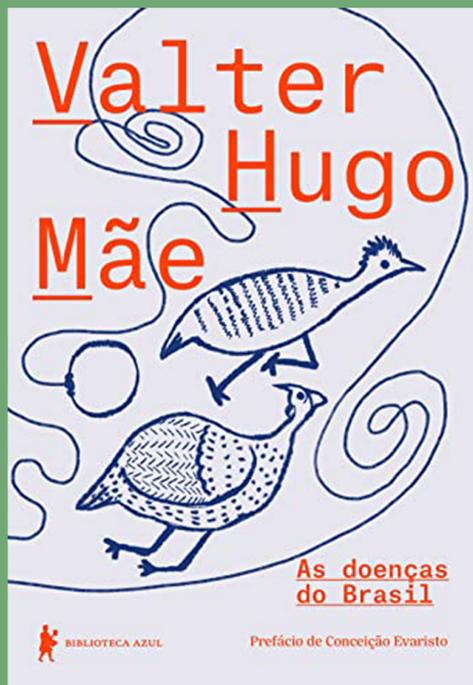
SONHE COM A GENTE! - META DE R\$ 10

Nosso objetivo é chegar muito longe e por isso te convidamos a fazer parte da nossa história!

ACREDITE EM NÓS! - META DE R\$ 20

Você já experimentou o nosso conteúdo gratuitamente e viu que nós somos engajados em oferecer o melhor, então mostre que acredita em nosso projeto!

**Para ajudar acesse a nossa
campanha em
<https://apoia.se/revistaoodisseu>
e escolha uma das metas!**



“Valter Hugo Mãe é um gênio”

Clarisse Peixoto do [@clareading](#) escreve uma crítica sobre novo livro do Valter Hugo Mãe a convite da Revista O Odisseu.

Sempre que escrevo, falo, ou mesmo penso em algo escrito por Valter Hugo Mãe, sinto ser incapaz de comunicar o que gostaria, da forma que gostaria. Se você já leu um parágrafo que seja do autor, deve entender esse meu desarranjo. Valter Hugo Mãe está muito mais no campo da sensação do que no da compreensão. Portanto, parafraseando Clarice, não se preocupe em entender. O autor ultrapassa meros entendimentos.

Quando li esse título pela primeira vez, sabendo ser Valter Hugo Mãe português, tive um certo receio do que encontraria nesse livro. Quando busquei saber sobre o que tratava o livro, tive mais medo ainda. É que, sendo uma daquelas brasileiras que adoram criticar o Brasil, mas que não aceitam que ninguém de fora o faça, e, sabendo como muitos portugueses ainda veem a colonização, pensei que tinha em mãos um barril de pólvora pronto para explodir todo o encantamento que o autor já tinha me causado um dia.

Enfim, deixei todas essas ideias preconcebidas de lado e comecei a leitura.

Comecei a me derreter logo no prefácio, escrito por Conceição Evaristo, “um orixá vivo da literatura brasileira”, nas palavras acertadas de Itamar Vieira Junior.

Lido o prefácio, encontramos a compilação de algumas cartas históricas e um trecho do livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak, para quem o livro foi dedicado.

No decorrer dos capítulos, vemos um Valter Hugo Mãe saindo de sua zona de conforto e do território português pela terceira vez. Nas outras vezes, explorou a Islândia e o Japão como cenários de suas narrativas.

Nesta sua nova história, o cenário escolhido foi a fictícia Ilha dos Três Mares, onde vive a tribo abaeté.

Honra é filho de uma índia abaeté, a qual foi covardemente agredida, humilhada, estuprada por um colonizador. E, por ser fruto de tal ato de barbárie e por ter em si um pedaço de tal vileza, Honra tem nojo de sua própria identidade e dessa

parte de suas raízes que considera podres. Ele consegue sintetizar a força do seu sentimento em uma única fala: “Sou branco. E esta cor não é cicatriz, é ferida e não sara. O inimigo parasita em mim para sempre.”

Quando Honra aprende a linguagem do branco com o objetivo de usá-la como arma contra seu algoz, não imaginaria que a linguagem envenenada que aprendia lhe possibilitaria a comunicação com Meio da Noite, que viria a se tornar quase um irmão.

Meio da Noite é um negro que fora subjugado e submetido a todos os horrores da escravidão. No entanto, consegue fugir e acaba sendo capturado pelos abaeté.

Os dois usam da linguagem do inimigo em comum para estabelecer uma comunicação e, muito mais do que isso, construir um elo de amizade e lealdade, unindo suas forças para superar o que consideravam ser diferenças, para descobrir que o que, de fato, importa é a humanidade de cada um.

Honra, com a ajuda de Meio da Noite, passará por provações para confrontar seu passado e descobrir quem ele realmente é, sem se deixar diminuir ou contaminar por toda a violência que sofreu desde antes de ser concebido.

Honra e Meio da Noite são o nosso passado, a nossa ancestralidade, fazem parte de nós. E é doloroso encarar a realidade de que, ainda hoje, o povo brasileiro sangra as chagas de exploração e opressão que ainda não se fecharam.

Mas é notável o cuidado e a sensibilidade do autor com a escrita dessa história, da nossa história, já que o Brasil que conhecemos hoje é também fruto de um estupro, de violações, de desrespeitos sem tamanho. Valter Hugo Mãe é um gênio na escolha das palavras e dos temas de que trata. Cada obra sua consegue surpreender e emocionar, tocando sempre de maneira peculiar o nosso coração. Como já disse Saramago, é um tsunami. Portanto, é melhor não resistir a essa potência. Deixe-se levar pela potência de suas palavras.

“Às vezes me pego pensando o que é uma crônica e eu não sei se sei o que é”

Ricardo Luigui Živko
Feira de Variedades Literárias

O conto, o romance, o poema, fazem sentido para mim, mas a crônica sempre me deixa em dúvida. Ela parece um coringa, eu uso como quero. Por um bom tempo fiz isso (e talvez faça até hoje), lia um texto e não sabia como rotular (não sei porquê temos essa necessidade de rotular), então, para mim, era uma crônica. O mesmo se aplica para o que escrevo. Gosto de contos, se eu pudesse me rotular de algo seria contista, apesar de ter pouquíssimos contos escritos, mas talvez o que eu mais escrevo são crônicas. Textos dispersos, pequenos-médio-grandes. Monólogos que são diálogos, mas sem ninguém saber, uma fala não ouvida, por estar escondida em um papel, em um dispositivo da modernidade tecnológica. Quando surge a necessidade de rotular todos esses textos, os encaixo em crônicas.

Outro jeito de identificar uma crônica é vendo em um jornal. Para mim, se está no jornal é crônica. E acho que isso não está tão longe da verdade, muitos livros de crônicas são apenas agrupamentos delas publicadas em jornais. Talvez o cronista de livro, e não de jornal, seja uma figura recente.

Disseram-me que, quando em dúvida sobre um texto, se ele é um conto ou uma crônica, ou um poema em prosa, a melhor maneira de descobrir é pedindo ao escritor. Ora, se é assim, o texto, por vezes, não tem um rótulo em si, que haja uma discussão, que especialistas percam minutos, horas, para dizer o que o texto é o que não é, mas o texto continuará sendo o que o seu pai ou a sua mãe disseram que ele é, pois foram eles que o pariram. E por que disseram? Apenas para que parassem de encher o saco, poupando os especialistas de perderem horas-minutos de sua vida. Mas, apesar disso, é divertido tentar dizer o que um texto é, gosto dessa perda de tempo (a vida toda não é isso? Não importa o que se faça, o tempo é algo a ser perdido), de se fazer perguntas “É em prosa ou em verso? O narrador é em primeira ou terceira pessoa? O narrador participa da estória? Há muitos personagens? Tem enredo? Tem clímax? Ele te nocauteia? Te ganha por pontos?” et cetera, etecétra, etc ponto. Mas chega um momento, talvez por eu ser burro, ou por sermos burros, que não identificamos o que o texto é, sem estresse, ele é o que ele é. Então, lembremos que o texto foi parido, e como nós que não pertencemos a nossos pais e mães para sempre, ele também não. Olhemos para um texto como um ser vivo, independente. Assim como as pessoas, ele não precisa ser sempre rotulado, só deixa ele ter o espacinho dele, respirar um pouco, ser quem ele quiser (no caso das pessoas, toma mais cuidado ainda, não rotula, não, irmão, toma cuidado). Olhar para um texto assim é divertido também, não ter essa preocupação rotulatória, apenas absorver ele, entender o sentido que vocês dois criaram juntos.

Não há mal em rotular, como eu falei, é até divertido. Mas o problema que sempre vem com

isso é a hierarquia de ideias, de conceitos, o meu é melhor que o seu. Ou até o maniqueísmo, eu estou certo e você está errado. Ninguém tem o poder de estar certo, de dizer o que é o correto e de produzir o fruto da corretice universal. Clarice nos diz: “Uma pessoa me contou que Rubem Braga disse que eu só era boa nos livros, que não fazia crônica bem. É verdade, Rubem? Rubem, eu faço o que posso. Você pode mais, mas não deve exigir que os outros possam. Faço crônicas humildemente, Rubem. Não tenho pretensões. Mas recebo cartas de leitores e eles gostam. E eu gosto de recebê-las.” Assim diz, na página 448 do livro “Todas as crônicas”. Rubem Braga e Clarice eram amigos, até trocavam cartas, portanto há a possibilidade de ele não ter dito isso, nunca, isso é óbvio. Mas calma lá, podemos discutir igual. Não precisamos partir da veracidade e envolvimento de Rubem Braga nisso, podemos apenas aceitar que isso foi dito, por quem quer que seja, sendo este alguém sincero ou não, brincando ou não, mas isso não nega o fato de que isso foi dito. Mesmo que esse alguém que o alguém citou nem exista, que tudo seja invenção de Clarice. Que tenha ela inventado esse alguém, que citou o alguém, pra falar sobre isso, pois precisava falar, já

FOTO DE THOM MILKOVIC RETIRADA DO BANCO DE FOTOS UNsplash



que alguém tinha realmente dito isso, ou ela sentiu que pensavam isso, que fariam algum dia. Deixemos de lado todas estas hipóteses, vamos ao assunto. Mesmo dentre todas as crônicas de um escritor há muitos textos diferentes, diferentes assuntos, diferentes estruturas, diferentes emoções. Entre diferentes cronistas, então, pode haver um abismo. Aquele cronista experimental que precede o romancista, aquele cronista por excelência, aquele cronista apaixonado, entre outros. É esse cronista apaixonado que vejo em Clarice, uma cronista que sucedeu a romancista-contista, que espantada constata que escreveu 9 livros e em nenhum deles declarou o seu amor, e na crônica se sentiu mãe do mundo e, na crônica, sem se aguentar, sentiu que precisava dizer "eu vos amo" e disse "eu vos amo". Todos esses cronistas são incríveis, todas as crônicas são incríveis, basta alguém para achá-las incríveis, e sempre há esse alguém. Julguemos menos, leiamos mais, apaixonemo-nos mais.

Particularmente, gosto muito da cronista Clarice. Diferente de suas novelas e romances, aqui a encontro de uma maneira totalmente diferente. Nos romances, Clarice veste traje de gala, na crônica a encontro de pijama. Por ora, chego a conclusão de que a crônica pode ser uma conversa e gosto muito dessa crônica-conversa, sinto uma intimidade, uma amizade entre escritor e leitor. Como já disse antes, sempre fiz essa conversa, mesmo que sozinho. Como uma preparação para um seminário, uma conversa sozinho em frente ao espelho do banheiro. E, (por aqui nos aproximamos de 1000 palavras e provavelmente do final) espero que essa preparação tenha ajudado de algo, que tenha me permitido conversar com vocês hoje. Hoje, finalmente digo oi. Oi.



Ricardo Luigui Živko

É um estudante de letras eslavo e brasileiro. Colunista da Revista O Odisseu e uma boa companhia.

FOTO DE JONATHAN SANCHEZ RETIRADA DO BANCO DE FOTOS UNSPLASH.

ANUNCIE NA REVISTA O ODISSEU!

Você possui algum negócio que deseja divulgar? Então envie sua proposta para revistaoodisseu@gmail.com e aproveite o espaço da Revista Digital mais amada do Brasil para conversar com o seu público. Nós já possuímos um grande número de assinantes e podemos passar a credibilidade que a sua empresa precisa através de nossos anúncios. Converse conosco!

**TAMBÉM FAZEMOS
CRÍTICAS DE LIVROS E
PUBLIEDITORIAL.
ENVIE SUA PROPOSTA
PARA O NOSSO E-MAIL!**





REPRODUÇÃO DO DESENHO DE SYLVIA PLATH

Flor Original Marcus Sander

Tal qual uma Marilyn Monroe
floral
Exposta no quadro de Andy
Warhol
Sua pop art é linda e original
E florescer, para ela, é natural...

Conforme segue a escala
temporal
Nas estações conhece o bem e o
mal
Até a primavera, o seu ápice vital,
Quando será o destaque no
quintal...

No verão sente-se forte e
especial
No outono murcha, sofre e fica
mal
O inverno da vida é tão
paradoxal...

Peregrina de um mesmo local
A flor encerra o seu ciclo final
Com toda a sua beleza divinal...

A: Olha, sinceramente, eu acho que a gente tem que fazer o que gosta.
B: Eu gosto de ler.
A: Mas ler não dá dinheiro.
B: Eu sei, mas é o que eu gosto.
A: E você vai viver de quê?
B: Ué, mas não era para eu fazer o que eu gosto, então, eu gosto de ler.
A: Tah, mas tem que sobreviver, então acha um trabalho que você ganhe um bom salário e tenha tempo para ler.
B: Ok, mas o quê?
A: Ah, não sei, algo que você goste.
B: Eu gosto de ler.

Aline Félix



ARTE: Augusto Wences

Sinceros agradecimentos a Luis Nicácio, amigo e profissional da área de letras que revisou os textos.

Aos colunistas voluntários que escreveram seus textos com muita dedicação. À amiga Aline Félix, que é sinônimo de amizade. A Filipi Corrêa, Clarisse Peixoto e Matheus Rocha, os primeiros a assinarem a revista. A Augusto Wences, Cristiane Alvarenga e Maicon Aquino, os artistas que compartilharam suas artes conosco.

A Verena Smit que foi muito atenciosa.

A Rodrigo Retka que ficou empolgado desde o convite para escrever a matéria de capa.

A você, leitor, que assinou essa revista e a leu.

Essa é só a primeira de muitas edições.